

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR DOMICILIAR EM TEMPOS DE PANDEMIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA- CE

Maria Aparecida Alves da Costa¹
Francisco Mário Carneiro da Silva²

RESUMO: A pesquisa em tela busca uma reflexão acerca da educação escolar-domiciliar no contexto pandêmico que assola o planeta em decorrência do novo coronavírus. De abordagem qualitativa, ancorada em autores como SANTOS (2020), OLIVEIRA (2020), MINAYO (2016), entre outros. Como coleta de dados, o estudo valorizou entrevistas com três sujeitos, sendo estes, três mães de crianças negras de um bairro periférico de Fortaleza, podemos conhecer e compreender os enfrentamentos que famílias pobres vivenciam durante o período de isolamento social para manterem seus filhos estudando de forma remota, através das tecnologias, principal aliada nesses tempos sóbrios e de incertezas. Alguns resultados mostram de forma rápida, que a principal dificuldade em manter essa educação domiciliar se dá pela falta de recursos tecnológicos, assim como o nível de escolarização dos pais.

Palavras-chaves: Educação domiciliar; Pandemia; Isolamento social.

ABSTRACT: The research on screen seeks a reflection on school-home education in the pandemic context that plagues the planet due to the new coronavirus. With a qualitative approach, anchored in authors such as SANTOS (2020), OLIVEIRA (2020), MINAYO (2016), among others. As data collection, the study valued interviews with three subjects, these being, three mothers of black children from a peripheral neighborhood of Fortaleza, we can know and understand the confrontations that poor families experience during the period of social isolation to keep their children studying remotely, through technologies, the main ally in these sober and uncertain times. Some results quickly show that the main difficulty in maintaining this home education is due to the lack of technological resources, as well as the level of education of parents.

Keywords: Home education. Pandemic. Social isolation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender as dificuldades e os enfrentamentos, bem como averiguar quais estratégias foram desenvolvidas por famílias com relação à educação escolar-domiciliar de crianças negras no período de distanciamento social – em decorrência da pandemia do novo Covid-19. Santos (2020), em um ensaio sobre a crise do coronavírus, ressalta que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais que para outros” (p.15). Seguindo nesta perspectiva, entendemos que algumas questões se tornaram ainda mais problemáticas em decorrência da crise, principalmente para alguns grupos específicos.

¹ Doutoranda e Mestra em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: mariapedagoga99@gmail.com

² Graduando em Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: silvxmario.jc@gmail.com

Em relação à pandemia da Covid-19, o primeiro caso foi identificado numa metrópole chinesa chamada Wuhan, em 31 de dezembro de 2019³. Em fevereiro de 2020, a transmissão de Covid-19 no Irã e na Itália cresceu exponencialmente. Os países chamaram atenção de forma global pelo grande número de infecções e mortes. No Brasil, no dia 26 do mesmo mês, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de Covid-19 em São Paulo. Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu o surto da doença como uma pandemia. Ainda no mês de março, especificamente dia 15, tivemos os primeiros casos confirmados no estado do Ceará. Três pessoas, dois homens e uma mulher, que estiveram em uma viagem ao exterior, testaram positivo pro Covid-19 na capital do estado, em Fortaleza⁴. Desde o princípio, identificou-se que o vírus SarscoV-2 é transmitido facilmente, por isso, aqui no Ceará, muita coisa mudou do dia 19 de março em diante: eventos foram cancelados, escolas e faculdades suspenderam suas aulas, empresas fecharam suas portas em decorrência das medidas de distanciamento social instauradas pelo governo estadual. A partir do exposto, a estrutura organizacional da sociedade mudou em todos os aspectos, fazendo com que muitas famílias fossem prejudicadas financeiramente, além de que a educação escolar precisou ser reinventada, ou seja, agora em casa, uma vez que o momento era de incertezas quanto ao retorno às atividades normais antes da pandemia.

É evidente que essa crise humanitária trouxe de certa forma algumas questões relevantes no que tange à educação brasileira: 1) em um país com tantas desigualdades de oportunidades, como falar de educação escolar em casa para famílias pobres que não possuem acesso à internet e/ou dispositivos, como celular, notebook e/ou computador? 2) como falar de educar crianças em casa quando por conta da mesma desigualdade de oportunidades, a maioria dos pais da classe média baixa ou baixa não desfrutam de uma formação adequada para fazer esse acompanhamento escolar dos filhos? 3) a crise acentuou as questões de desigualdade do nosso país, vez que os dois primeiros pontos destacados não dizem respeito a todas as famílias brasileiras, mas algumas – embora a grande maioria. Diante disso, a partir de observações e conversas informais que tivemos com alguns moradores do bairro Pirambu, da cidade de Fortaleza –CE, coletamos informações a respeito da dificuldade no tocante a educação escolar em âmbito domiciliar. Estas observações serviram como incentivo que ratifica a importância desta produção,

³ Os dados para produção deste registro histórico foram retirados de jornais, cf

⁴ Mais informações em: <https://coronavirus.fortaleza.ce.gov.br/>

tendo em vista que foram a partir delas que obtivemos um norte que nos direcionou a esta discussão.

O isolamento social mostrou-se como um momento discriminatório, uma vez que acentuou a vulnerabilidade de alguns grupos. Duas das três mães entrevistadas para esta produção ressaltaram a dificuldade em estabelecer uma rotina, ademais, uma delas, ressaltou que esteve muito atarefada por trabalhar durante este período, de modo que não conseguiu auxiliar educacionalmente os filhos. Entretanto, notamos também um diferencial na fala da terceira mãe que pode ser avaliado positivamente, a mesma contava com o apoio do pai da criança, antes da quarentena, e possivelmente em decorrência disso, a criança tinha um bom desempenho escolar. Em relação à organização do presente artigo, está estruturado em cinco partes, sendo a primeira a introdução, onde expomos os objetivos, a problemática e a relevância da pesquisa. A segunda, expomos o caminho metodológico, a terceira, um pequeno referencial teórico com a finalidade de situarmos a temática, a quarta parte trouxemos os resultados e discussões e por último, as nossas considerações à cerca do estudo desenvolvido.

METODOLOGIA

Na escrita de pesquisas científicas e acadêmicas precisam de um norte, uma espécie de bússola que auxilia na descoberta e no caminhar de um estudo, nesse caso, esse norte é definido como metodologia, que de acordo com Minayo (2011, p.14), é:

[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. (...) inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade) (MINAYO, 2016, p.14).

Igualmente, buscamos realizar um estudo que considerem esses aspectos mencionados. Assim sendo, este estudo é de abordagem qualitativa e tem a pesquisa de campo como método. Utilizamos a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. Para análise, utilizamos os estudos de Análise do Discurso (Bardin, 1977). Minayo (2016) afirma que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois ela se ocupa “[...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (p.20). A pesquisa qualitativa lida com “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações [...]” (p.21), isto é, com

dados que não podem ser traduzidos em números ou indicadores quantitativos. Adotamos esta abordagem, pois, buscamos aprofundar nos significados por trás da educação domiciliar de crianças negras no período de distanciamento social.

A pesquisa de campo, por sua vez, é um tipo de pesquisa que se pretende a buscar informação diretamente com a população pesquisada, por isso, requer do pesquisador um contato mais direto. Neste sentido, o pesquisador precisa se fazer presente no espaço onde ocorre ou ocorreu o fenômeno a fim de reunir um conjunto de informações a serem documentadas (GONSALVES, 2001). Triviños (1987) destaca que “[...] para alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semi-estruturada é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146, sic). Optamos pela entrevista semiestruturada como método de coleta dos dados, pois ela, além de valorizar a presença do investigador, oferece muitas possibilidades para que o entrevistado tenha liberdade e espontaneidade de modo que a investigação seja enriquecida.

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo a medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha a de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146, sic).

As pessoas entrevistadas para a composição deste trabalho são mulheres negras, mães de família, moradoras do bairro Pirambu, na periferia da cidade de Fortaleza-Ceará. Adotamos alguns critérios de inclusão na seleção dos sujeitos investigados, quais sejam: 1) morador(a) do bairro Pirambu; 2) ser responsável pela educação domiciliar dos filhos(as); 3) ser negra. A opção por estes critérios justifica-se pelos seguintes motivos: a) a observação inicial se deu no bairro supramencionado; b) optamos por entrevistar qualquer um dos membros da família que se apresentasse como responsável pela educação escolar da(s) criança(s), no entanto, não encontramos nenhum homem responsável por esta tarefa em nossa investigação; e c) partindo do pressuposto que famílias negras são mais atingidas pela desigualdade mencionada em linhas anteriores, decidimos por entrevistar somente pessoas negras, a fim de compreender sua realidade neste período de crise.

Nesse momento faz-se necessário uma breve descrição das pessoas entrevistadas, a fim de definir o perfil dos sujeitos desta pesquisa. As três mulheres entrevistadas são

negras, moradoras da mesma rua situado no bairro Pirambu, na cidade de Fortaleza-Ceará. Com o intuito de assegurar o anonimato, optamos por nomes fictícios dos sujeitos entrevistados.

A primeira entrevista foi realizada com Paula em sua residência no dia nove de setembro do corrente ano. Tem 44 anos, possui Ensino Médio completo. É mãe de duas crianças: um menino com 13 anos e uma menina com seis anos, o primeiro está no oitavo ano do Ensino Fundamental e a segunda no primeiro ano do Ensino Fundamental. O filho mais velho, 13 anos, estuda em escola pública, enquanto que a filha mais nova, seis anos, estuda em escola particular de bairro. A mãe era a responsável pela educação extraescolar das crianças antes da pandemia, dando continuidade a esta tarefa durante a pandemia, com apoio da criança mais velha, mencionada anteriormente. Esta mãe se encontra desempregada desde antes da pandemia, portanto, durante este período ela não teve ocupações profissionais que a impedissem de auxiliar os filhos nas tarefas escolares.

A segunda entrevista também foi realizada na residência da entrevistada no dia 10 de setembro, onde a denominamos de Sueli. Ela tem 28 anos e possui Ensino Médio completo. Tem dois filhos, um menino de 12 anos, que faz o sexto ano do Ensino Fundamental e uma menina, de nove anos, que faz o quarto ano da mesma etapa escolar. Ambos são estudantes de escola pública. A mãe era a responsável pela educação extraescolar dos filhos, atividade esta que continua em sua alçada, contando agora com o apoio de um professor de reforço para o filho mais velho. No período de distanciamento, em decorrência de problemas financeiros, a mãe começou a trabalhar vendendo comida em casa, o que ocasionou seu distanciamento no auxílio educacional que dava aos filhos.

A terceira entrevista realizou-se no dia 13 de setembro na residência de Fátima, a última entrevistada da nossa pesquisa. Tem 27 anos e não finalizou a educação básica, ou seja, deixou de frequentar a educação formal no segundo ano do Ensino Médio. É mãe apenas de uma criança de sete anos que está cursando o segundo ano do Ensino Fundamental. Antes da quarentena, a educação extraescolar da criança era dividida entre a mãe, o pai e um professor de reforço. A mãe ressaltou durante a entrevista que o pai sempre incentivou o filho a estudar e se fez presente em sua escolarização. Esta mãe não trabalha formalmente, portanto, esteve presente na educação em âmbito domiciliar durante o período de isolamento. Nota-se aqui um diferencial: o pai da criança auxiliava, junto à mãe na educação extraescolar da criança. Contudo, sobre esta questão vale um

adendo: o pai não se fez presente como auxiliar durante o período de isolamento, pois está preso.

CONTEXTUALIZANDO O ANALFABETISMO

Para melhor entendimento sobre o analfabetismo atual no Brasil, podemos utilizar os dados sobre educação levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD/2019, p.2) onde ressalta que:

No Brasil, em 2019, havia 11 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de 6,6%. Dessas pessoas, 56,2% (6,2 milhões de pessoas) viviam na Região Nordeste e 21,7% (2,4 milhões de pessoas) na Região Sudeste.

A pesquisa indica que “[...] as gerações mais novas estão tendo um maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda enquanto crianças” (p. 2). Contudo, vale ressaltar que quem está fazendo o acompanhamento da educação escolar em casa são pais que estão no grupo de pessoas não alfabetizadas. A porcentagem levantada na pesquisa referente ao analfabetismo em alguns grupos etários é o seguinte: “[...] 11,1% entre as pessoas com 40 anos ou mais, 7,9% entre aquelas com 25 anos ou mais e 6,6% entre a população de 15 anos ou mais” (p.2). Some-se aos dados o fato de que na atual conjuntura de crise, os pais e/ou responsáveis por fazer este acompanhamento escolar-domiciliar são analfabetos ou concluíram apenas a educação básica, resulta numa despreparação para este acompanhamento, talvez por isso tenha se popularizado a fala “este é um ano escolar perdido” entre tantas famílias brasileiras. Alguns outros dados a serem apontados são os seguintes: no mesmo ano, “[...] as Regiões Nordeste e Norte apresentaram as taxas de analfabetismo mais elevadas – 13,9% e 7,6%, respectivamente, em 2019 entre as pessoas com 15 anos ou mais de idade [...]” (p. 2). Esses dados chamam atenção, pois através deles verifica-se que a taxa de analfabetismo reflete também desigualdades regionais. A taxa de analfabetismo das mulheres de 15 anos ou mais, em 2019, foi de 6,3%. A leitura desse dado deve ser alarmante, pois vale destacar que as mulheres, na maioria das vezes, são as responsáveis pela educação das crianças.

Além disso, os dados propostos no PNAD/2019 revelam uma desigualdade racial, pois, enquanto 3,6% das pessoas de 15 anos ou mais de cor branca eram analfabetas, o percentual se eleva para 8,9% entre pessoas de cor preta ou parda. Ademais, o PNAD/2019 realizou em 2019 também um levantamento acerca do Nível de Instrução e anos de Estudo dos brasileiros. O informativo ressalta que “o nível de instrução é o indicador que capta o nível educacional alcançado por cada pessoa, independentemente da duração dos cursos por ela frequentados” (p. 3). Tendo em vista que as trajetórias educacionais dos indivíduos variam ao longo da vida, o indicador “[...] é melhor avaliado entre aquelas pessoas que já poderiam ter concluído o seu processo regular de escolarização, em geral, em torno dos 25 anos” (PNAD/2019, p. 3).

Segundo o informativo, no Brasil, a proporção de pessoas de 25 anos ou mais de idade que concluíram, no mínimo, o ensino médio, manteve, em relação aos dados obtidos anteriormente, uma trajetória de crescimento e alcançou 48,8% em 2019. Além disso, “entre aqueles que não completaram a educação básica, 6,4% eram sem instrução, 32,2% tinham o ensino fundamental incompleto, 8,0% tinham o ensino fundamental completo e 4,5%, o ensino médio incompleto”. O informativo ainda aponta que “[...] apesar dos avanços, mais da metade da população de 25 anos ou mais de idade no Brasil não havia completado a educação escolar básica e obrigatória em 2019”. Objetivamos com esta pesquisa analisar o relato de três mães acerca da educação escolar em contexto familiar durante o período de distanciamento social de crianças negras da periferia de Fortaleza-Ceará. Diante deste objetivo, vale ressaltar que os pais e/ou responsáveis que estão cuidando da educação escolar das crianças, agora em âmbito domiciliar, em decorrência da pandemia, podem ser aqueles que estão inseridos na realidade dos dados apresentados até agora. Por isso, fez-se necessário expô-los para ilustrar o que pretendemos analisar e refletir posteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Boaventura de Sousa Santos, em ensaio publicado pela editora Boitempo, intitulado por “A Cruel Pedagogia do Vírus”, ressalta o aspecto pedagógico da crise pandêmica. Boaventura destaca que “[...] quando a crise é passageira, ela deve ser explicada pelos fatores que a provocam. Quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica todo o resto” (p.4). Partindo de uma análise sociológica do presente momento, o

autor identifica que a crise não se trata apenas de uma questão de ordem natural, antes, contudo, de ordem política-econômica-social.

Na perspectiva de construir uma reflexão coerente acerca da crise então instalada na sociedade, Santos (2020) elenca que “os debates culturais, políticos e ideológicos do nosso tempo têm uma opacidade estranha que decorre da sua distância em relação ao cotidiano vivido pela grande maioria da população, os cidadãos comuns [...]” (p.9). Fazendo uma ressalva sobre a necessidade de um fazer intelectual mais próximo da realidade social de grupos minoritários e marginalizados, o autor ressalta que “os intelectuais devem aceitar-se como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar” (p.14). No capítulo A Sul da Quarentena, Santos (2020) lança luz sobre a situação de grupos marginalizados durante a pandemia. É nesse tom que o autor afirma categoricamente que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros [...]” (p.15). Santos (2020) se propõe a analisar grupos para os quais a quarentena se mostrou particularmente difícil, tendo em vista sua vulnerabilidade, sendo que esta “[...] precede a quarentena e se agrava com ela” (p.15).

A reflexão apresentada por Boaventura nos serviu de pressuposto para aprofundar na reflexão suscitada pelo autor, desta vez dando enfoque a educação de crianças negras neste período de crise pandêmica. Nesta perspectiva, apresentamos relatos das mães entrevistadas, falando acerca da educação de crianças negras neste período de distanciamento social. Destacamos que a partir da análise do conteúdo da entrevista, discutiremos três categorias, quais sejam: 1) educação extraescolar na pré-pandemia; 2) percalços e desafios na educação escolar-domiciliar em tempos de pandemia; 3) estratégias desenvolvidas para o desenvolvimento acadêmico do(s) estudante (s). Em estudo recente publicado na revista *Ensaio*, Oliveira *et al.* (2020) fizeram um estudo bibliográfico com artigos que abordam a temática “educação em tempos de isolamento social”. O artigo, intitulado por A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências, tem por proposta “[...] investigar o impacto do fechamento das escolas sobre o desempenho dos alunos no curto prazo e suas trajetórias a longo prazo” (OLIVEIRA, *et al.* 2020, p. 556). Alguns apontamentos realizados no estudo em questão serão úteis para a discussão dos dados achados para nossa produção.

Seguimos em concordância com o apontamento feito por Boaventura de que a quarentena é específica para cada grupo social, assim como afligi uns grupos mais que

outros. Este é o pressuposto de nossa produção. Além disso, vale destacar que “[...] permanecem incertos a ocorrência, a magnitude das perdas e os efeitos sobre diferentes grupos de alunos” (OLIVEIRA, *et al.* 2020, p. 558). Nesse período “pós-pandemia”, em que muitos estão intitulado como “novo normal”, a grande preocupação tem sido o retorno dos estudantes à escola. Acreditamos que antes de pensar sobre o retorno dos alunos para o ambiente escolar, faz-se necessário uma análise acerca das consequências do período de distanciamento, especialmente para alguns grupos sociais, tais quais os de crianças negras. Pensamos que para ponderar acerca das consequências deste momento para o grupo de crianças negras, antes devemos refletir sobre alguns pontos, como, por exemplo: existia uma educação extraescolar para estas crianças antes da pandemia? Dos relatos colhidos, Paula destacou que:

Eles [as crianças] não faziam reforço, mas faziam umas tarefas a mais que a escola mandava, tarefas do dia-a-dia, sempre faziam. Os dois estudavam de manhã, então, as tarefas, o Felipe⁵, como tem 13 anos, ele é responsável pelas tarefas dele. Ele fazia. E a Clara Maria, que está no primeiro ano, eu que ajudava a fazer as tarefas do dia”.

Enquanto que Sueli ressaltou que não tinha uma educação extraescolar, nem mesmo reforço. A mãe colocou um dos filhos em reforço escolar durante a pandemia, o que discutiremos posteriormente. O motivo da criança não fazer reforço antes da pandemia, ela destaca, era porque “eu não tinha como pagar, né? Agora eu estou conseguindo, porque estou trabalhando em casa, vendendo merenda, aí eu tô conseguindo pagar de um pra não ficar atrasado nas tarefas” (SUELI, 2020). Fátima explicou, por sua vez, que ela e o pai da criança o auxiliavam nas atividades que recebiam da escola, além disso, a criança fazia reforço escolar nos dias úteis da semana. A criança em questão passava a manhã no reforço e à tarde na escola. Além disso, a Paula destacou que existia uma rotina com relação aos estudos; as crianças faziam regularmente as tarefas de casa no final da tarde. No primeiro caso, ela auxiliava somente nas atividades da filha mais nova e alegou que o filho mais velho já conseguia realizar suas tarefas sozinho. No entanto, esta mesma mãe, no decorrer da entrevista, destacou que em alguns momentos percebia dificuldades para auxiliar a criança mais nova, porque “não lembrava mais do assunto”, isto é, não dominava a matéria em questão. Ela usou esse argumento mencionando o ensino de artes e de inglês. Artes, segundo ela, porque não possuía técnicas e manejo para fazer as tarefas solicitadas pelos

⁵ Os nomes utilizados serão todos fictícios, a fim de manter o sigilo dos participantes.

professores, e inglês, porque era outra língua e ela não dominava. A segunda mãe, ou seja, Sueli resume a educação extraescolar ao fato de os filhos fazerem ou não reforço escolar, isto é, ter alguém para acompanhá-los na resolução das tarefas propostas pela escola. Já a terceira mãe, Fátima, auxiliava o aluno, mas também recorria ao reforço. O que elas têm em comum é o fato de não lidarem diretamente com a educação extraescolar dos filhos, realmente mediando este processo. Em alguns momentos, pela falta de instrução e capacitação na lida das tarefas, elas recorrem a professores de reforço.

[...] a habilidade dos pais em ensinar é limitada, principalmente em se tratando de conteúdos específicos das séries mais avançadas e de interações e de estímulos realizados na primeira infância, que possuem uma curta janela temporal para serem realizados. (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p.562)

Para as famílias que já acompanhavam regularmente os estudantes antes da quarentena, fica mais fácil dar continuidade a este exercício, organizando bem às rotinas e variando as tarefas, uma vez que toda a família, inclusive pais que podem estar em *home office* estão reunidos sobre o mesmo teto. Contudo, para as famílias que não tinham esta prática consolidada em suas realidades, fez-se necessário superar algumas dificuldades e enfrentamentos que se mostraram presentes neste momento. Com relação a esta questão, Dias e Pinto (2020, p.547) advogam que:

No momento atual, muitas escolas, públicas e privadas, estão exagerando nas expectativas do que professores e familiares conseguem fazer. Há diferenças substanciais entre as famílias, atualmente, em confinamento. Algumas podem ajudar seus filhos a aprender mais do que outras. Fatores como a quantidade de tempo disponível para se dedicar aos estudos dos filhos, auxiliando-os com as aulas online – muitos pais estão em *home office* cumprindo horário laboral integral e outros tantos precisam trabalhar externamente para garantir a renda mensal –; as habilidades não cognitivas dos genitores; a possibilidade de acessar o material online; a quantidade de conhecimento inato dos pais – afinal, é difícil ajudar o filho se tiver de aprender algo estranho ao que se conheceu e aprendeu – , são questões a serem levados em conta quanto ao papel dos pais na Educação dos filhos em tempos de pandemia. Toda essa situação gerará um aumento da desigualdade na Educação e no progresso do estudante.

O segundo bloco de discussão apresenta algumas dificuldades encontradas pelas mães com relação à educação em âmbito domiciliar dos filhos. A primeira entrevistada, ou seja, Paula destaca que a quebra da rotina de “passar a manhã na escola e a tarde em casa, fez com que eu me reinventasse. Comecei a aprender tudo de novo, da primeira série de quando eu estudava”.

Sueli relatou que “está muito difícil pra gente ensinar, porque a gente não tem tempo. Eu não tenho tempo de ensinar”. Além disso, ela mencionou que não existe uma rotina, ou seja, as crianças não tem um horário específico para fazer as tarefas. Outra dificuldade apontada pela mesma foi o fato de que ela está sem celular e a escola envia as tarefas pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, para tanto, ela utiliza o celular da avó das crianças, mas argumenta que “fica difícil, porque a gente trabalha com o celular. O celular é nosso aparelho de trabalho, é por onde as pessoas fazem os pedidos. Às vezes, a gente não tem tempo nem de emprestar a eles o celular, porque a gente tá fazendo pedido de entrega”. Em relação à Fátima, aponta que tinha dificuldades no ensino das tarefas, por isso, recorria a familiares, haja vista que o filho não estava mais no reforço. Além disso, esta mãe destacou que seu filho tinha um bom desempenho na escola antes da pandemia e que, com a pandemia, ele não foi prejudicado. Ela ainda destaca com base neste ponto, que a criança conseguiu fazer sozinha todas as tarefas enviadas pela escola.

Em resumo, são três realidades distintas: no primeiro caso, a mãe sente dificuldade no auxílio de algumas atividades e recebe apoio do filho mais velho; no segundo caso, a mãe tanto não pode auxiliar os filhos, porque está trabalhando, como é difícil que as crianças tenham acesso ao material disponibilizado pela escola, porque o celular – que também não é de sua posse – é um instrumento de trabalho. No terceiro caso, a terceira mãe também sente dificuldade para auxiliar nas atividades, mas recebe apoio de algum familiar quando necessário, pois o filho possui habilidade de resolver sem auxílio, às tarefas enviadas pela escola. Duas questões aqui solicitam reflexão: as mulheres, segundo Santos (2020, p.15) são consideradas “as cuidadoras do mundo”, “[...] dominam na prestação de cuidados dentro e fora das famílias” (p.15). Pensando que historicamente a mulher é a responsável pelas tarefas de casa, inclusive o cuidado e a educação dos filhos, este ponto é importante, pois faz-nos refletir como, durante a pandemia, a desigualdade na divisão de tarefas domiciliares pode ter piorado drasticamente, pois sabemos que, “durante o período de isolamento com crianças, esta forma de desigualdade tende a se acentuar em virtude do acúmulo de tarefas anteriormente assumidas pelas escolas, creches e pelo cuidado compartilhado com amigos, vizinhos e familiares” (GARCIA, 2020 p.134).

A segunda questão é com relação à dificuldade em estabelecer uma rotina, que também se configura pela ausência da escola, uma vez que “a escola tem uma função complementar as famílias na socialização das crianças, embora em muitos casos o tempo de permanência na escola seja superior àquele junto aos familiares” (GARCIA, 2020,

p.138). Para as dificuldades apresentadas, as mães ressaltaram que foram criadas estratégias de superação. Paula e Fátima estabeleceram rotinas com regras em que a criança só poderia brincar, usar o celular ou assistir filmes depois de terminar as tarefas, enquanto que Sueli não obteve esse êxito. Além disso, Paula se mostrou mais participativa, inclusive, mencionou que teve que se “reinventar, aprender a desenhar, a pintar”. Nessa reinvenção, inclusive, a mãe adquiriu alguns materiais, tais como lousa e giz, para que auxiliasse a educação da filha mais nova que estava no primeiro ano do ensino fundamental – inclusive, resalta ela, “porque este é o período de alfabetização”. Sueli apresentou uma situação um pouco mais delicada, pois não conseguiu estabelecer uma rotina de estudos para os filhos e auxiliá-los na resolução de tarefas. Além disso, dos dois filhos, somente o mais velho tinha aulas de reforço, embora nem sempre tivesse acesso às tarefas enviadas pela escola, pois como ela mesma ressaltou: o celular era de sua mãe e as crianças não tinham acesso às tarefas com frequência. Com base neste fato, consideramos plausível o que destacam Oliveira *et al.* (2020, p. 562):

Em tempos de pandemia, as pressões sobre as famílias, possivelmente, constituirão oportunidades para desenvolver habilidades, como o estabelecimento de rotinas e de resiliência, mas dificilmente constituem oportunidades favoráveis para aprender e adotar novas formas de interação pelos pais, especialmente em ambientes mais carentes.

Ademais, a estratégia utilizada por Sueli para que os alunos não fossem prejudicados, só teve alcance sobre um dos filhos, pois a criança mais nova não fazia reforço. Oliveira *et al.* destaca que “[...] dada as limitações financeiras, não é possível, na maioria dos casos, a contratação de tutores para acompanhar os alunos em atividades direcionadas” (p.562). Sobre a incapacidade/impossibilidade de liberar o aparelho celular para o uso das crianças com relação às atividades da escola, vale mencionar que:

A Educação a distância (EaD) não pode ser a única solução, esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário. (DIAS; PINTO, 2020, p.546)

A situação de Fátima se mostrou excepcional, pois a criança gostava de fazer suas tarefas e teve dificuldades na resolução de somente uma delas no período de distanciamento. Nesta única tarefa que o aluno não conseguiu fazer sozinho, a mãe recorreu a um familiar que tinha domínio sobre o assunto e que pudesse ajudar o

estudante. Muitas análises com relação à educação realizadas durante a crise do coronavírus, levaram em consideração a falta de internet de boa qualidade e aparelhos eletrônicos que se fazem necessários para uma educação na modalidade remota, tendo em vista as desigualdades postas em nosso país (DIAS; PINTO, 2020).

Contudo, a partir das evidências suscitadas nesta produção, precisamos levar em consideração que uma das nuances da educação a distância é a falta de domínio dos assuntos por parte dos pais. Falta-lhes capacitação acadêmica e/ou técnica. É notório que existe um diferencial no relato de Fátima que pode ser visto claramente pela presença do pai incentivando o filho a estudar. Este é um último ponto a ser considerado por nós. A mãe relatou que o filho tem muito interesse nas atividades que a escola manda e que não deixou de fazer nenhuma delas. Aliás, ele manteve uma rotina e realizou as atividades todas as vezes que foram solicitadas, “às vezes ele sentia uma preguiçinha por causa do celular, mas eu tirava e ele ia fazer” (FÁTIMA, 2020). Ela comentou que o pai, que sempre ajudou na educação extraescolar da criança, sempre reforçou a importância da educação, “o pai dele sempre dizia: você tem que estudar pra ser alguém na vida, pra ter um bom emprego” (FÁTIMA, 2020). A criança parece ter se apropriado deste discurso que é tão presente nas classes baixas da sociedade: a ideia de que a educação é um meio de ascender na vida. Isso traz à tona uma discussão acerca da participação dos pais (lê-se pai e mãe) na educação escolar dos filhos. O período de isolamento acentuou a presença dos pais na educação dos filhos, de modo que eles se tornaram os mediadores deste processo, não pela ausência integral do professor(a), mas pelo impedimento em se fazer mais presente. Chechia e Andrade (2005), em um estudo sobre desempenho escolar que leva em consideração a relação entre escola e família, destacam que existem duas formas de os pais interferirem na vida escolar dos filhos, uma positiva e outra negativa. Enquanto a forma positiva agrega valor ao sucesso dos estudantes esperado pela escola e pela família, o negativo acaba prejudicando-o. As autoras elencam que

Neste sentido, para a escola, os pais não têm apenas que estar presentes, mas devem também assumir o papel ativo no cotidiano escolar dos filhos. O apoio e a participação dos pais na vida escolar dos filhos colaboram com a escola no sentido de se obter um trabalho de classe mais equilibrado (CHECHIA; ANDRADE, 2005, p. 431)

Buscou-se por muito tempo a presença dos pais na vida escolar dos filhos, contribuindo, juntamente com a escola, na formação acadêmica dos mesmos. Pelo que foi

levantado, a quarentena se mostrou, direta ou indiretamente, um momento propício para tanto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do que foi exposto a presente pesquisa objetivou compreender as dificuldades e os enfrentamentos, bem como averiguar quais estratégias foram desenvolvidas por famílias com relação à educação escolar-domiciliar de crianças negras no período de distanciamento social – em decorrência da pandemia do novo Covid-19 partindo nas narrativas de três sujeitos, ou seja, mães de crianças negras num bairro da Periferia de Fortaleza. Nesse momento podemos elencar algumas considerações acerca da temática que foi desenvolvida. A realidade é distinta no campo de visão de cada indivíduo, talvez por isso não podemos sequer comentar sobre aquilo que não está no alcance de nossos olhos. A sugestão de Boaventura (2020), que os intelectuais vissem a partir da perspectiva dos cidadãos comuns, mostrou-se plausível para as compreensões suscitadas neste estudo.

Diferente do que muito se tem dito, o problema na modalidade de Educação à distância e/ou Educação Remota não se dá apenas pela falta equipamentos e acesso à internet de qualidade por parte das classes populares, mas também com relação a despreparação dos pais no trato com as tarefas propostas pela escola. Além disso, em se tratando de famílias que foram afetadas financeiramente pela crise, faz-se necessário também recordar da necessidade dos pais em trabalhar, o que qualifica o distanciamento dos mesmos na participação na vida escolar dos filhos. No entanto, uma questão que está indiscutivelmente posta é que os pais nunca se fizeram tão presentes na educação escolar dos filhos quanto neste momento. A crise fez surgir um pressuposto que as crianças são as protagonistas em seu ensino, mas os pais são seus mediadores – ocupando assim o lugar que antes era ocupado pelos professores. Com isso, não pretendemos dizer que os professores se tornaram obsoletos, principalmente se pontuarmos que famílias com menos instruções tem mais fragilidades neste processo, uma vez que a condição de distanciamento entre escola e família está posta. A escola não está inteiramente distante, mas há de se convir que ela não atua como antes e se fez necessário que os pais se tornassem agora ou ainda mais participativos na educação dos filhos, fazendo com que ficasse ainda mais evidente as fragilidades no ensino remoto em se tratando de famílias negras.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. Porto: Edições 70.

CHECHIA, V. A.; ANDRADRE, A. dos S. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. Estudos de Psicologia, v. 10, n. 3, p. 431-440, 2005.

DIAS, E; PINTO, F. C. F. A educação e acovid-19. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 555-578, jul./set. 2020.

GONÇALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas – SP, Alinea, 2001.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 26 ago. 2020.

MINAYO, M. C. S. DESLANDES, S. F. GOMES, R. (Orgs.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 30ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, J. B. A; GOMES. M.; BARCELLOS, T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 555-578, jul./set. 2020.

SANTOS, B. de S. A cruel Pedagogia do Vírus. São Paulo: Boitempo, 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.